

# Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

64

OUTUBRO – DEZEMBRO  
1991

# BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Boletim de Pastoral Litúrgica

Seminário de Aveiro — 3800 Aveiro

Telef.: 034 - 22172

Condições de assinatura anual:

	Via normal	Via aérea
Portugal e Países de língua portuguesa	800\$00	1.500\$00
Outros países estrangeiros	1.000\$00	1.750\$00
Este número	250\$00	—

---

**64**

OUTUBRO — DEZEMBRO

ANO XVI

Apresentação

O Missal Romano

*José de Leão Cordeiro*

Curso Nacional de Música Litúrgica

*A. Ferreira dos Santos*

Património da Igreja

Encontros Diocesanos

Solenidade da Imaculada Conceição

Índice Geral do n. 1 (1976) ao n. 60 (1990)

*Vai sair, com este número, o último do ano de 1991. É possível que alguns leitores não compreendam o espaço reservado aos índices do Boletim, desde o nº 1 até ao nº 60, e que o julguem mal empregado.*

*Não pensa assim a direcção que só lamenta que um índice geral deste tipo não tenha sido feito de cinco em cinco anos, ou mesmo no fim de cada ano. Nisto, como no resto, mais vale tarde que nunca.*

*A publicação destes índices ocasiona mesmo uma reflexão que desejamos partilhar com os nossos leitores.*

*Ao fim de 15 anos de publicação regular podemos olhar para trás, não com sentimentos de orgulho ou vaidade, mas com a consciência de termos trabalhado com persistência e vontade de acertar.*

*Sentimos, como ninguém, a distância que vai da ambição dos nossos objectivos à modéstia das nossas realizações, daquilo que gostaríamos de fazer àquilo que efectivamente fizemos. A tensão entre o sonho e a realidade é vivida, por vezes tragicamente, pelos artistas. E quanto maiores são estes, mais intensa é aquela. Nós nem sequer nos consideramos artistas, mas dedicamos à Pastoral Litúrgica o melhor dos nossos esforços e toda a capacidade das nossas energias.*

*Ainda que reconheçamos, sem esforço, as limitações do nosso trabalho, fez-nos bem apreciar a importância dos assuntos publicados, a variedade dos artigos, a competência dos seus autores.*

*Entre os números especiais vindos a público, queremos salientar os que foram dedicados à celebração do Mistério Pascal e aos ministérios litúrgicos, que continuam a ser pedidos. Alguns destes boletins tiveram mesmo de ser reeditados ou publicados em livro próprio, tal foi o seu êxito.*

*De há uns anos para cá, preferimos dar ao nosso Boletim uma feição mais informativa e garantir-lhe uma saída mais regular. E tal tem acontecido, sem que a própria formação litúrgica dos nossos leitores haja sido descurada, como se pode ver pelos títulos dos artigos.*

*O reconhecimento da extensão do trabalho feito ao longo destes 15 anos proporciona-nos o desejo de apreciar a ciência e a generosidade dos nossos colaboradores e de lhes prestar a nossa mais profunda homenagem. Mesmo pequeno e humilde, o nosso Boletim deve o melhor de si à competência dos nomes que subscrevem os seus artigos doutrinários ou de fundo. Os nossos melhores liturgistas, e alguns estrangeiros, aqui deixaram o eco dos seus estudos, o fruto das suas reflexões e o brilho da sua sabedoria. Se a direcção, por força das circunstâncias, responde pela quase totalidade das apresentações e informações de cada número, não lhe custa confessar que não é aí que se encontra a principal riqueza do Boletim.*

*Vamos prosseguir com humildade e determinação, convencidos, como estamos, de que a Pastoral Litúrgica da Igreja neste período pós—conciliar precisa que lhe continuemos a dedicar o melhor de nós mesmos.*

*O artigo sobre O Missal, saído da pena segura e bem fundamentada do Dr. José de Leão Cordeiro, que os nossos assinantes tanto apreciam e admiram, dá a este número o alimento substancial e saboroso que não lhe pode faltar.*

*A oportunidade deste assunto é garantida pela aproximação do dia — radioso dia esse! — em que poderemos finalmente segurar nas nossas mãos trémulas o suspirado livro que, como se pode ler no artigo em causa, é “a obra-prima da reforma litúrgica do II Concílio do Vaticano”, oferecida ao povo de Deus “como forma da sua oração e como regra da sua fé”.*

*Lamentamos não ser possível apresentar, neste número, uma reflexão referente ao Mistério do Natal, como tanto desejávamos, mas nem por isso nos dispensamos de fazer ardentes votos por que os nossos colaboradores, assinantes e leitores tenham um Santo Natal e um feliz Ano Novo.*

# O Missal Romano

## Estrutura e conteúdo

### Introdução

O **Missal Romano** é a obra-prima da reforma litúrgica do II Concílio do Vaticano. Livro da oração do presidente da assembleia, nele encontramos as orações para todas as Missas que o povo de Deus celebra na roda do Ano Litúrgico e nas diversas circunstâncias da sua vida cristã.

Muitos foram aqueles que dedicaram riquíssimo saber, meses e até anos de labor intenso e grande experiência pastoral à elaboração deste novo livro da Missa, designadamente os membros dos numerosos grupos que viriam a encontrar, no Padre Annibale Bugnini, o dedicado e dinâmico coordenador de todo o trabalho.

Mas o maior de todos os artífices do Missal foi o próprio Papa, pela visão que teve da reforma litúrgica desejada pelo Concílio, da qual se fez apaixonado promotor, pela forma como acompanhou e estimulou os trabalhos que iam sendo realizados, e pela coragem com que, em momentos críticos, tomou decisões nada fáceis.

O nome de Paulo VI figura, doravante, com toda a justiça, no frontispício do livro a que ele mesmo se referiu com estas palavras: "É ao povo de Deus que oferecemos o Missal Romano, como forma da sua oração e como regra da sua fé. Nas horas de alegria e reconforto, ele beberá aí a expressão do seu louvor e acção de graças; nas horas de perturbação e angústia, descobrirá nele, formulada com rigor, a fé secular da Igreja em oração. Ao celebrar a Eucaristia segundo o "Ordo" que promulgámos, ficará a saber que o faz em união com a Igreja "que preside à caridade" e com todas as Igrejas de rito romano dispersas pelo mundo. Na sua celebração encontrará força e luz, e escutará o convite a abrir-se a todos os apelos dos seus irmãos que procuram o Deus vivo"(1).

É este o livro que me proponho apresentar-vos, primeiro na sua edição típica latina e a seguir na sua próxima edição em língua portuguesa.

## **1. A Edição em latim do novo Missal Romano**

O conteúdo da edição típica latina do Missal Romano de Paulo VI não apareceu todo de uma vez, mas em duas fases, separadas por um ano de intervalo.

Em primeiro lugar, com data de 3 de Abril de 1969, foram publicadas a Constituição Apostólica "Missale Romanum" e a primeira versão da Instrução Geral. Um ano depois, a 26 de Março de 1970, apareceu o Missal completo, em cuja edição vinha incluída a mesma Constituição Apostólica, sem qualquer alteração, e uma segunda versão da Instrução Geral. Começamos por nos referir a estes dois documentos.

### **1.1 A Constituição Apostólica "Missale Romanum"**

Uma Constituição Apostólica é um texto solene publicado pelo Papa em circunstâncias importantes. No caso que nos ocupa, trata-se do documento através do qual Paulo VI promulga o novo Missal Romano, reformado de acordo com as determinações do Concílio Vaticano II. Em si mesma a Constituição Apostólica "Missale Romanum" indicia que estamos perante um livro litúrgico fundamental, em que foram introduzidas mudanças substanciais que precisavam de ser apresentadas e explicadas ao povo de Deus, povo que até aí celebrara a fé cristã servindo-se de outro Missal, diferente daquele que agora lhe é proposto. São aliás essas as razões que justificam o esquema em que se desenvolve o pensamento do Papa.

Na introdução, Paulo VI começa por salientar o valor do Missal de 1570, fruto da reforma do Concílio de Trento, cujo "ordenamento geral, na sua parte mais importante, se deve a São Gregório Magno"(2), o Papa que no século VI levava a cabo uma grande reforma litúrgica.

Conhecido como Missal de S. Pio V ou Missal Tridentino, esse livro, em razão dos descobrimentos, foi levado pelos missionários até às mais longínquas paragens da terra, tornando-se, por esse motivo, em fonte de vida espiritual de muitos Santos da época moderna.

Se exceptuarmos as frequentes adições de novas festas, o Missal do Concílio de Trento permaneceu, durante os quatrocentos anos em que foi utilizado em todo o mundo, idêntico ao seu original do século XVI. A grande modificação que lhe foi introduzida aconteceu nos anos de 1951 e 1955, quando Pio XII restaurou a Vigília Pascal e a Semana Santa.

Tendo o Concílio Vaticano II assentado as bases duma reforma do Missal de S. Pio V, o resultado é este novo Missal Romano, com mudanças tão profundas em relação ao anterior que o Papa sente necessidade de as enumerar uma a uma, e de dizer uma palavra de explicação acerca da Instrução Geral, das Orações Eucarísticas, do Ordinário da Missa, das leituras bíblicas, das orações e das melodias gregorianas, salientando as suas novas e principais características.

O texto papal termina por uma frase de esperança: "Confiemos em que (o novo Missal Romano) irá ser recebido pelos fiéis como instrumento valioso para testemunhar e estreitar entre todos a mútua unidade"(3).

Assim aconteceu com a maioria dos cristãos de rito romano. Mas não com todos, como iremos ver de seguida.

## **1.2 A contestação ao novo Missal**

Com a Constituição Apostólica foi publicada a Instrução Geral do Missal Romano, que Paulo VI apresenta como introdução a todo o livro, com as novas normas para a celebração da Missa, desde a execução dos ritos, à função própria de cada um dos participantes, aos objectos litúrgicos e aos lugares sagrados(4).

Muitos daqueles que, na hora actual, consultam a Instrução, talvez desconheçam que esse documento é mais longo do que o publicado em 1969. Ao texto primitivo foi acrescentado um Proémio com quinze números, que ocupam cerca de 10 páginas. Porquê? Por quem?

A resposta exige que façamos uma rápida alusão a uma história triste, mas de modo nenhum inédita na vida da Igreja.

Embora o povo cristão tivesse aceite com alegria e entusiasmo a reforma anunciada do Missal, algumas vozes se levantaram contra ela, acusando-a de rotura com a tradição. A essas vozes se encarregaram de dar corpo os dois cardeais da Cúria Romana Ottaviani e Bacci, que acabariam por pedir a Paulo VI a revogação do novo Ordinário da Missa, antes do Missal entrar em vigor.

As razões por eles julgadas válidas para tomarem semelhante

atitude exprimiam-nas num documento a que chamaram "Breve exame crítico do novo Ordinário da Missa", dirigido ao Papa. Das suas muitas afirmações salientamos estas: "Os novos ritos manifestam um afastamento impressionante da teologia católica acerca da santa Missa, tal como a formulou o Concílio de Trento; a nova Missa já não é considerada como o sacrifício de Cristo mas como Ceia e Memorial; a fórmula "memorial da Paixão e da Ressureição" não é exacta, porque a Missa é o memorial só do sacrifício, ao passo que a Ressureição é o seu fruto; a presença real de Cristo é negada tacitamente, pelo facto da palavra transubstanciação aí não figurar e porque as fórmulas consecratórias são ditas pelo sacerdote como se fossem um relato histórico, e já não como um juízo categórico; o papel do sacerdote fica dissolvido, pelo facto de ser presidente ou irmão, antes de ser ministro consagrado que celebra na "pessoa de Cristo"; o novo rito está repleto de doutrina protestante, contém elementos espiritual e psicologicamente destrutores, tanto nas rubricas como na Instrução geral, pelo que não pretende representar já a fé de Trento"(5).

### **1.3 A resposta do Papa**

Paulo VI era um homem de diálogo, mas também de coragem. Primeiro submeteu a Instrução Geral a uma leitura atenta de teólogos e canonistas, e para dissipar mal entendidos mandou refundir o número 7 do Capítulo II especialmente visado pelos contestários.

Feita a modificação, o Papa quis ser ele próprio a apresentar de novo o Missal ao povo de Deus, pelo que mandou elaborar um "Motu próprio" que recebeu a sua aprovação. Dando-se porém conta de que não convinha proceder desse modo, pois já tinha aprovado e promulgado, em forma solene, através da Constituição Apostólica, o Missal desejado pelo Concílio, decidiu substituir o "Motu próprio" por um Proémio, como introdução à própria Instrução e a todo o Missal. Esse novo documento, que retoma o essencial do texto já elaborado e aprovado, começa sintomaticamente pelas palavras "Cenam Paschalem", expressão rejeitada pelos dois cardeais como designação da Missa, mas que o Papa fez questão de retomar e confirmar(6).

### **1.4 As afirmações do Proémio**

Se o Proémio dá resposta a cada um dos pontos contestados, vai no entanto muito mais longe. Ele mostra, por exemplo, que o novo



Missal não só não esquece nada do ensino de Trento, mas até realiza um certo número de votos desse Concílio, como é o caso da homilia, que os Padres de Trento mandavam fazer na língua do povo, mas continuou a não ser feita em muitas regiões do mundo.

O mesmo se há-se dizer das explicações dos ritos litúrgicos, que o Concílio de Trento desejou que fossem prática habitual para que os fiéis compreendessem a celebração, mas de cuja legitimidade ainda se discutia nas vésperas do Vaticano II, e da comunhão dos fiéis em cada Missa, voto que não foi seguido de qualquer efeito.

O Proêmio recorda que houve exigências que o Concílio Trento entendeu dever recusar, em virtude da posição dos protestantes, como o uso das línguas vivas na liturgia e a comunhão dos leigos no cálice, problemas a que o Vaticano II deu resposta positiva e foram assumidos pelo novo Missal.

Lembra também o Proêmio que Trento desenvolveu apenas um dos aspectos do único sacerdócio de Cristo, que é o ministerial, mas deixou na sombra o sacerdócio de todo o povo resgatado, tão bíblico e tradicional, sacerdócio tão dignificado pelo Concílio Vaticano II e que ocupa hoje no Missal um lugar de relevo, que se traduz nas funções e ministérios litúrgicos que a assembleia e cada um dos seus membros são chamados a realizar, como direito e dever.

Tudo isto foi possível graças a um melhor conhecimento das “antigas normas dos Santos Padres”, que já constituíram ponto de referência do Concílio de Trento, e continuaram a ser critério de validade do Concílio Vaticano II. Hoje, porém, aquelas “normas dos Santos Padres encontram-se enriquecidas com numerosos estudos dos investigadores”(7) e com muitos documentos litúrgicos fundamentais, alguns deles descobertos nos últimos duzentos anos, que vieram alterar o conceito em causa.

Posto isto, as “normas dos Santos Padres” não só reclamam que se conservem as tradições que nos legaram os nossos antepassados imediatos, mas exige também que se abarque e examine mais profundamente todo o passado da Igreja e todos esses diversos modos pelos quais se exprimiu a única e mesma fé, através das mais variadas formas de cultura e civilização”(8). Por fidelidade a esses princípios, o Concílio Vaticano II, tinha, necessariamente, de ir mais longe do que o Concílio Trento.

Mas, prossegue o Proêmio, o Missal de Paulo VI é principalmente o livro da celebração eucarística dos cristãos de hoje, razão pela qual aí

encontramos uma abertura nova às suas necessidades e modos de falar, e uma visão mais optimista sobre as coisas que Deus criou e viu que eram boas.

Um Missal feito hoje tinha de ser para gente de hoje, tinha de falar uma linguagem compreensível aos homens de hoje, tinha de exprimir a resposta da fé aos problemas de hoje. Se o não fizesse não seria de hoje nem para os homens de hoje, por não falar a sua linguagem.

O novo Missal, diz o Proémio, é a expressão duma tríplice fidelidade: à fé de sempre, à grande tradição eclesial, e ao homem cristão de hoje.

## **2. A edição do Missal Romano em Língua Portuguesa**

### **2.1 O fim duma situação anómala**

Desde 1970 até hoje, a comunidade cristã do nosso país tem vivido, no que se refere ao Missal, numa situação de pobreza. Até agora, por motivos diversos, o Missal Romano de Paulo VI fora traduzido entre nós apenas parcial e provisoriamente, e apresentava-se, na sua edição oficial de altar, em vários fascículos que nem sempre existiam em todas as igrejas, quer por os não terem adquirido em devido tempo, quer por se terem extraviado ou deteriorado com o uso.

Esta situação não exemplar vai, finalmente, desaparecer, e em vez da incómoda multidão de fascículos passaremos a ter o Missal Romano num só volume e na sua integridade. Já não era sem tempo.

Várias vezes prometida e outras tantas adiada, a edição deste livro litúrgico, como iremos ver de seguida, é um acontecimento eclesial cujo interesse ultrapassa as fronteiras do nosso país e se repercute noutras culturas e latitudes.

### **2.2 O conteúdo do Missal**

Ao tomarmos pela primeira vez um livro entre mãos, costumamos folhear as suas páginas ou, pelo menos, dar uma vista de olhos ao índice, para ajuizarmos do seu conteúdo. É o que poderemos fazer dentro de poucos meses quando, nas paróquias de Angola e São Tomé e Príncipe, da Guiné e Cabo Verde, de Moçambique e Portugal, passar a existir o novo Missal Romano, editado simultaneamente pelas Conferências Episcopais de cada um desses países, num texto que, por ser

único, passará a ser instrumento de grande valor ao serviço da unidade da fé e da língua que nos é comum.

Nele encontraremos, logo a seguir à Constituição Apostólica e à Instrução Geral, o texto litúrgico propriamente dito, que ocupa a maior parte do livro e contém: as orações presidenciais e cânticos de entrada e da comunhão de todas as Missas do Temporal (domingos e dias de semana, desde o I Domingo do Advento até ao último Sábado do Tempo Comum); o Ordinário da Missa, que inclui as Orações Eucarísticas, cerca de 80 prefácios e diversos formulários de bênçãos e orações dos fiéis; as Missas do Santoral (solenidades, festas e memórias) tanto próprias como comuns; as Missas rituais, votivas, para as diversas circunstâncias e de defuntos; e por fim as melodias oficiais da Missa.

O volume de altar foi estudado em cada pormenor. Apresenta-se em dois formatos, um maior e outro de dimensões mais reduzidas, papel de qualidade e impressão a preto e vermelho, e diversos tipos de caracteres tipográficos, escolhidos de modo a permitirem uma leitura fácil, mesmo aos sacerdotes de mais idade.

As orações de cada domingo e dia de semana corresponde uma página. Essas orações, precedidas do respectivo título (Colecta, Sobre as Oblatas, e Depois da Comunhão), são impressas à maneira da poesia, com o texto dividido em frases curtas, para tornar mais fácil a sua proclamação.

Resta apenas lembrar o grande cuidado posto na tradução de todo o conteúdo do Missal, desde a primeira à última página. Apesar de nada do que fazemos ser perfeito nem definitivo, temos razões para pensar que se trata de um trabalho de qualidade.

### **3. Celebrar a Missa pelo novo Missal**

#### **3.1 A Instrução Geral do Missal Romano**

Um Missal de altar, por mais atraente que seja o seu aspecto gráfico, por mais bem adaptadas que se apresentem as suas orações às novas circunstâncias, por mais actualizada que nele se exprima a fé inquebrantável da Igreja e a sua tradição ininterrupta, é apenas um objecto litúrgico ao serviço da celebração. Na hora de o utilizar, o mais importante são as pessoas reunidas e a acção litúrgica que a assembleia e os ministros realizam: quem celebra, como se celebra, como se participa

na celebração, como se dispõe e arranja a igreja, como actuam os ministros, como se proclama a palavra, como se serve a assembleia, como se dizem ou cantam as orações, como se realizam os gestos celebrativos, qual a qualidade dos objectos e das vestes litúrgicas, que imagens devem ser colocadas no espaço das nossas celebrações.

É ao serviço de cada um destes pormenores que se encontra a Instrução Geral do Missal Romano, verdadeira caixa de respostas a todas as dúvidas e perguntas, palavra esclarecida e autorizada da Igreja acerca dos ritos litúrgicos, seu sentido e modo de os celebrar. Na clareza dessas palavras e no espírito de tais respostas reside a principal importância da Instrução Geral. Vale por isso a pena fazer dela o pedagogo das nossas celebrações eucarísticas.

#### *a) O que é celebrar?*

O acto de celebrar não começou na Liturgia, mas na vida.

Celebrar é, para o homem, uma necessidade tão antiga como ele, uma exigência que o acompanhou desde sempre.

Celebrar é recordar, é reviver, é realizar acções que se referem a outra acção anterior. Por exemplo, quando uma pessoa celebra o aniversário de qualquer acontecimento importante da sua vida, realiza acções que podem ser as mais diversas, mas estão sempre em referência àquilo que pretende recordar. Por isso, se alguém pergunta à pessoa que celebra a razão por que o faz, tal pessoa pode responder que está a celebrar o dia de anos, ou o aniversário de casamento, por se tratar de factos tão importantes para ela, que gostaria, se fosse possível, de voltar a vivê-los. Mas como a acção histórica é irrepetível, celebrá-la é uma das maneiras de entrar em comunhão espiritual com ela, de a tornar de algum de algum modo presente. A celebração faz entrar, de maneira simbólica, no dinamismo do facto histórico.

Passemos agora à Liturgia e às suas celebrações. Celebrar a Missa é realizar, na fé, acções litúrgicas que se referem a um acontecimento histórico que lhes é anterior. Esse acontecimento é a última Ceia de Jesus, ou antes, é todo o Mistério Pascal. As acções litúrgicas da Missa são a forma de tornar presente, em símbolo, essa Ceia que foi única. Por meio delas, a comunidade convocada e reunida sob a presidência do sacerdote como representante de Cristo(9), faz memória desse facto histórico, tão importante para a vida dos fiéis. Os sinais visíveis que a Missa utiliza são para simbolizar essas realidades invisíveis(10). Por vontade de Cristo, o ministro ordenado (Bispo ou presbítero) que

preside à reunião, faz de novo o que Jesus fez, ao dar continuidade às palavras que Jesus dirigiu aos Apóstolos: "Fazei isto em memória de Mim"(11).

E o mistério torna-se presente. Nos sinais sacramentais do pão e do vinho, os fiéis reconhecem, pela acção do Espírito Santo, a presença do Corpo entregue por nós e do Sangue derramado na cruz para remissão dos pecados.

O Missal de Paulo VI continua a tradição celebrativa do Missal de Pio V, com novas exigências a nível da arte da palavra, dos sons, dos gestos, das atitudes.

#### *b) Quem celebra e como celebra?*

Quem celebra é sempre Cristo e o povo de Deus(12), Mas o povo de Deus localizado num grupo, numa paróquia, numa diocese, e organizado hierarquicamente.

Para que a celebração seja verdadeiramente de Cristo e do povo de Deus há-de ser feita com elementos escolhidos e ordenados de entre aqueles que a Igreja propõe, mas adaptados às pessoas e lugares, de modo a contribuírem para o bem dos fiéis(13). Não é a comunidade tal que inventa a estrutura da Missa, nem tão pouco os seus textos e cânticos. Quem assim fizesse não poderia dizer-se parte de um todo, unido pela mesma fé e pela Eucaristia à Igreja dos Apóstolos.

Mas é cada comunidade que escolhe, de entre as orações propostas, de entre os cânticos adaptados, de entre as leituras impressas nos Leccionários, aqueles elementos que parecem ser mais necessários para o grupo, "usando criteriosamente da múltipla liberdade de escolha", sob a orientação do sacerdote(14).

Isto é uma novidade em relação ao conceito de celebração do Missal anterior. Antes afirmava-se que a uniformidade era indispensável para preservar a unidade; agora declara-se que a diversidade é um meio de construir a universalidade.

Os elementos estruturantes são os mesmos desde há muitos séculos: leituras, cânticos e orações, palavras sacramentais, gestos e silêncios. A mesma é também a sua finalidade: pôr os fiéis que neles participam em comunhão com o acontecimento salvador da Ceia Pascal. A mesma é a fé que há-de habitar no coração dos fiéis para reconhecerem a presença de Cristo na assembleia, na palavra, na pessoa do ministro, nos sinais sacramentais do pão e do vinho. Mas é diferente o modo de executar e de integrar na celebração cada um desses elementos, como diversos são os actores chamados a realizá-los.

### *c) Como participar?*

A Missa é o centro de toda a vida cristã(15). Esta centralidade da Missa justifica a grande importância da participação dos ministros e fiéis na sua celebração, para que dela colham os mais abundantes frutos(16).

Tais frutos só poderão ser colhidos se os fiéis forem levados a uma participação consciente, activa, plena, de corpo e espírito, ardente de fé, esperança e caridade, participação essa que é um direito e um dever do povo cristão, reclamado pela própria natureza da celebração e desejada pela Igreja(17).

Embora nem sempre se possa conseguir a presença e participação activa dos fiéis, nem por isso a Missa fica privada da sua eficácia e dignidade, pois ela é sempre acção de Cristo e da Igreja(18).

A celebração e a participação na Missa realizam-se por meio de sinais sensíveis, e não por meio de ideias nem emoções. Os frutos que o Senhor quis que os fiéis obtivessem, vêm até eles através desses elementos sensíveis, cuja organização, que pertence à Igreja, não é indiferente relativamente ao fim a atingir(19).

A forma como cada fiel participa na celebração da Missa e a consciência que adquire dos vários modos de presença real de Cristo na celebração(20), influenciam de modo decisivo o seu comportamento litúrgico. Enquanto membro da assembleia na qual está Cristo, ele vai cantar com os outros, vencendo a tentação de ficar calado ou de rezar tranquilamente; ele vai responder aos diálogos e aclamações, por se sentir parte de um mesmo todo; ele vai sentar-se ou levantar-se com todos os outros, eliminando gestos, atitudes e posições corporais que não sejam partilhadas pela assembleia no seu conjunto, pois sente que o Corpo de Cristo não pode estar desincronizado.

### *d) Os ministros*

Não basta que os diversos ministros da celebração possuam carismas que lhes permitam tomar a palavra ou realizar acções. Na voz daqueles que proclamam textos numa celebração (leitores, salmistas, cantores, comentadores, orientadores da celebração, presidente, concelebrantes), há sempre entoações novas a descobrir e a experimentar para chegar a ser mais natural e expressivo; nas atitudes do corpo (genuflectir, inclinar a cabeça ou o corpo, pôr-se de pé, ajoelhar, sentar-se, deslocar-se em procissão, ir para o ambão e permanecer aí duran-



te a leitura), há sempre pormenores a rever; nos gestos que se realizam (benzer-se, estender as mãos para receber o Corpo de Cristo, comungar na língua, elevar o pão e o vinho na apresentação dos dons, entregar as ofertas recolhidas ao presidente), há sempre pequenas coisas a aperfeiçoar; e no exercício das diversas funções e serviços litúrgicos (presidir, dirigir o grupo coral, levar os círios ou a cruz processional, apresentar o Missal ao presidente, mostrar o livro dos Evangelhos à assembleia, incensar as coisas e as pessoas), há sempre uma verdade maior a procurar e a conseguir. É a pessoa, no seu todo, que deve sentir-se implicada e chamada a realizar cada gesto com facilidade e à vontade, e isso aprende-se e cultiva-se.

Quando os ministros realizam as suas funções com arte, com beleza e com espírito, estão a enviar mensagens a quem os vê. Nunca vos aconteceu ficardes mais impressionados, para bem ou para mal, com o que se fez do que com o que se disse? Regra geral, à saída duma celebração poucos de nós nos lembraremos, pelo menos em pormenor, daquilo que foi dito, mas não esquecemos facilmente o que vimos bem ou mal feito.

#### *e) Onde celebrar?*

Os lugares são, no novo Missal, objecto de cuidada atenção. Porquê? Porque um espaço condiciona. Pelas suas dimensões, disposição, sonoridade, ele exerce influência sobre as pessoas que nele se reúnem, e sobre elas acções que aí se levam a cabo. Uma igreja a transbordar de fiéis em dia de festa, dá mais força ao canto da assembleia e torna mais sólida a sua unidade; a mesma Igreja com 30 pessoas perdidas na nave, tem uma sonoridade desagradável e aumenta o sentimento de dispersão e de falta de unidade. Uma igreja bem arranjada acolhe, convida à festa, facilita a intimidade da fé; um lugar de celebração mal cuidado, presta-se pouco para a festa, para o diálogo recíproco entre Deus e o fiel, ente o presidente e a assembleia.

Muitas das nossas igrejas são desadaptadas a certas celebrações eucarísticas. Que fazer? Repensar os seus espaços e arranjo em função dos capítulos V-VI da Instrução Geral.

Interrogar-se acerca do que significa uma igreja, qual a sua função, quais as condições para a sua beleza, e ler atentamente as orientações da Instrução do Missal: "As igrejas, na sua disposição geral, devem, de algum modo, reproduzir a imagem da assembleia congregada. Devem ser aptas para a conveniente realização da acção sagrada e pa-

ra obter a participação activa dos fiéis, devem proporcionar a coordenação de todos os seus elementos e facilitar o perfeito desempenho da função de cada um. Além disso, devem ser dignas e belas como sinais e símbolos das realidades celestes”(21).

### **3.2 A Missa “Típica” do Missal de Paulo VI**

A Instrução Geral consagra grande parte do Capítulo IV à descrição dos ritos da Missa, a partir da sua forma “típica”, que deixou de ser a Missa privada, como o fazia Missal de S. Pio V, e passou a ser a Missa com povo(22).

Missa “típica” quer dizer Missa celebrada com povo e o número de ministros indispensável a uma celebração normal. Esses ministros, além do presidente, são o acólito, o leitor e o cantor. Quanto ao diácono, sempre que esteja presente realiza o seu ministério próprio.

Não vamos seguir todos os artigos deste capítulo da Instrução, mas pôr em evidência apenas certos pormenores que andam mais esquecidos.

— Raramente se leva o Evangeliário na procissão de entrada(23), que pode ser substituído pelo Leccionário e se depõe sobre o altar, e mais raramente ainda os sacerdotes (bispos e presbíteros) cantam a saudação inicial, elemento tão importante entre os ritos de entrada, pois com ele “se manifesta o mistério da Igreja reunida”(24).

— Por que motivo, depois de beijar o altar, o presidente tão poucas vezes vai para a sua cadeira(25), onde o acólito deveria apresentar-lhe o Missal(26)?

— Poucos são os leitores que cantam a conclusão “Palavra do Senhor” no final das leituras, canto tão importante que até pode ser entoado por um cantor distinto do leito que proclamou a leitura(27), e menos são ainda os presbíteros que realizam a pequena procissão com o livro dos Evangelhos, tomado de sobre o altar e conduzido ao ambão com incenso e círios(28).

— Já quase ninguém se inclina, durante o Credo, às palavras “E incarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem”(29); o presidente raramente espera que o leitor chegue junto ao ambão antes de ele próprio fazer a introdução à Oração dos fiéis, e por sua vez o leitor não costuma esperar que o presidente termine a oração conclusiva para voltar ao seu lugar(30).

— Não é ao sacerdote que pertence estender sobre o altar o corporal e depor o sanguinho, mas ao acólito(31) e as ofertas dos fiéis



devem ser recebidas pelo presidente com a ajuda dos ministros, que as colocam em lugar adequado(32), que não parece dever ser o chão, diante do altar.

— Manter a patena e a seguir o cálice, na apresentação dos dons, um pouco acima do altar(33), não significa mais alta que os olhos, numa espécie de gesto de oferenda, e o "lavabo" não desapareceu, embora sejam as mãos que se lavam e não somente a ponta dos dedos(34).

— Preparados os dons, podem incensar-se. São cinco os momentos indicados para utilizar o incenso, mas sempre facultativamente: na procissão de entrada; no princípio da Missa, para incensar o altar; na procissão do Evangelho; ao ofertório, para incensar as oblatas, o altar, o sacerdote e o povo; à elevação da hóstia e do cálice(35). Facultativamente significa que pode usar-se sempre, que pode nunca se usar, que pode usar-se apenas em alguns dos momentos indicados. A opção habitual é o tudo ou nada. Mais vezes o nada do que o tudo. Não seria preferível velar pelo bom equilíbrio deste sinal tão expressivo, e utilizá-lo, umas vezes ao Evangelho e à consagração, para salientar a Palavra, e o Corpo e Sangue de Cristo, outras vezes no início da Missa e na preparação dos dons?

É raríssimo ouvir cantar as partes da Oração Eucarística que têm melodia oficial, "às quais se deve dar preferência" em razão da sua "maior importância"(36).

— Mais raro ainda é ver os fiéis a comungar sob as duas espécies. Porquê, se a Instrução recorda que, "dada a natureza de sinal, a sagrada comunhão adquire o seu pleno significado quando feita sob as duas espécies"(37), e ao mesmo tempo recomenda aos pastores que devem incitar os fiéis à comunhão por aquela forma em que mais plenamente se manifesta o significado do banquete eucarístico(38)?

— Terminada a comunhão dos fiéis, o presidente não deveria ter escrúpulos de deixar o altar e ir à credência purificar as píxides, a patena e o cálice, mas se o fizer no altar, deve deslocar-se do centro para o lado do altar e realizar aí a purificação, discretamente(39).

## Conclusão

Com o Concílio Vaticano II nasceu uma nova pedagogia espiritual, e o Missal de Paulo VI é a melhor escola para aprender. Há que frequentá-la com assiduidade e interesse, em atitude dócil e confiante.

Este livro abre horizontes espirituais extraordinários, tem profundidade e autenticidade doutrinárias, pureza e riqueza de elementos culturais e artísticos.

A sua aparição é um grande acontecimento eclesial para os países de língua oficial portuguesa, mas deve ser acompanhada da arte de cuidar os promenores, com todas as suas exigências: objectos, movimentos, silêncios, palavras, cânticos. Deus permita que este pequeno trabalho dê algum contributo nesse sentido.

A meta a alcançar é a oração unânime da assembleia, para louvor de Deus e santificação dos fiéis, objecto último da celebração eucarística.

JOSÉ DE LEÃO CORDEIRO

## Notas

- (1) PIERRE JOUNEL, A Instrução Geral do Missal Romano, in *Célébrer* 206, p. 4-12
- (2) PAULO VI, Constituição Apostólica *Missale Romanum*.
- (3) *Ibidem*.
- (4) *Ibidem*.
- (5) PIERRE JOUNEL. A Instrução Geral do Missal Romano, *ibidem*.
- (6) *Ibidem*
- (7) Instrução Geral do Missal Romano (= IGMR), *Prémio*, n. 8.
- (8) IGMR, *Proémio*, n. 9.
- (9) cf. IGMR, n. 7.
- (10) cf. SC., n. 33.
- (11) Lc 22, 19; 1 Cor 11, 24, 25.
- (12) cf. IGMR, n. 1.
- (13) cf. IGMR, n. 5.
- (14) cf. IGMR, n. 313.
- (15) cf. IGMR, n. 1.
- (16) cf. IGMR, n. 2.
- (17) cf. IGMR, n. 3.
- (18) cf. IGMR, n. 4.
- (19) cf. IGMR, n. 6.
- (20) cf. IGMR, n. 7.
- (21) cf. IGMR, nn. 253. 257.
- (22) cf. IGMR, n. 78.
- (23) cf. IGMR, n. 79.

- (24) cf. IGMR, n. 28.
- (25) cf. IGMR, n. 86.
- (26) cf. IGMR, n. 144.
- (27) cf. Ordenamento das Leituras da Missa, n. 18.
- (28) cf. IGMR, n. 94.
- (29) cf. IGMR, n. 98.
- (30) cf. IGMR, n. 47.
- (31) cf. IGMR, n. 100.
- (32) cf. IGMR, n. 101.
- (33) cf. IGMR, n. 102.
- (34) cf. IGMR, n. 106.
- (35) cf. IGMR, n. 235.
- (36) cf. IGMR, n. 19.
- (37) cf. IGMR, n. 240.
- (38) cf. IGMR, n. 241.
- (39) cf. IGMR, n. 120.

## Curso Nacional de Música Litúrgica

Iniciou-se no passado dia 2 de Setembro, em Fátima, o primeiro ano do Curso Nacional de Música Litúrgica, que foi criado pelo Centro Nacional de Pastoral Litúrgica e pelo Serviço Nacional de Música Sacra (Departamento do Secretariado Nacional de Liturgia), e teve o patrocínio da Conferência Episcopal Portuguesa e da Diocese de Leiria-Fátima, através do Santuário de Fátima.

Destina-se este Curso, como já noticiámos, à preparação de Directores de Coros Litúrgicos e de Organistas para as celebrações litúrgicas do nosso País.

O Curso tem a duração de três anos e adopta um sistema próprio. Cada ano lectivo arranca com duas semanas de estudo intensivo, e os trabalhos continuam nos meses que se seguem até ao início do ano lectivo seguinte, com estudo individual devidamente preparado e com dois momentos de controlo feito pelos professores: um, de um dia, em duas regiões do País, por altura do Natal, e outro, de dois dias, em Fátima, por ocasião da Páscoa.

As aulas teóricas (Liturgia, História da Música Sacra, Liturgia e Arte) seguem um sistema de avaliação que consiste na apresentação de um trabalho feito pelo aluno.

Relativamente às aulas práticas (Órgão, Direcção, Harmonia e Análise) segue-se um método de avaliação contínua.

As aulas de duas semanas (2 a 14 de Setembro) foram distribuídas ao longo do dia. Havia diariamente estudo individual. Dia sim, dia não, celebrava-se a Missa ou a Liturgia das Horas.

As aulas práticas foram dadas pelos seguintes professores: **Humbert Veuten**, **Faulstich** e **Stolber**, da Escola Superior de Música Sacra de Regensburg. Foram Assistentes destes Mestres: P. António Cartageno, Rosa Amorim, Paulo Antunes, Paulo Alvim e António Mário.

A aula de Liturgia esteve a cargo do Prof. Cónego José Ferreira, e

os ensaios para as celebrações litúrgicas foram dirigidos por Mons. Fernandes da Silva.

D. António Francisco Marques, Bispo de Santarém e Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, presidiu à quase totalidade das celebrações e, tanto na abertura como no encerramento das duas semanas, pronunciou palavras de grande encorajamento e esperança para todos os participantes. Tomou também parte nos trabalhos o Responsável da Música Litúrgica na catedral de Bissau (Guiné-Bissau).

No dia 14 de Setembro, no encerramento do estudo intensivo de duas semanas, os alunos fizeram as suas apreciações do Curso. Seguidamente, o Côn. Dr. Ferreira dos Santos agradeceu a presença encorajante do Senhor D. António Francisco Marques, o trabalho incansável do P. Dr. Pedro Ferreira e a dedicação exemplar dos professores e assistentes. Exprimiu ainda alguns agradecimentos, formulou votos e fez recomendações, entre as quais as seguintes:

- que as Dioceses preparassem, através de escolas de Música Sacra, criadas ou a criar, candidatos ao Curso Nacional de Musica Litúrgica;
- que os Senhores Bispos manifestassem uma aceitação activa das pessoas formadas neste Curso;
- que todos se sentiam muito gratos à Conferência Episcopal Portuguesa, à Universidade Católica e ao Santuário de Fátima;
- que os alunos estudassem, com empenho e perseverança, de acordo com as orientações dadas, pois o primeiro ano termina em 30 de Agosto de 1992;
- que os encontros de controlo seriam no dia 21 de Dezembro de 1991 (em Lisboa e no Porto) e nos dias 25 e 26 de Abril de 1992, em Fátima.

O Senhor D. António Francisco Marques encerrou os trabalhos das duas semanas em Fátima com palavras de muito apreço para todos os participantes.

## Património Cultural da Igreja

Por iniciativa e sob a orientação da Comissão Nacional de Arte Sacra e do Património Cultural da Igreja efectuou-se no Santuário de Fátima, nos dias 29 e 30 de Novembro, o 2º Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra.

Estiveram representadas as Comissões diocesanas de 17 das 20 dioceses de Portugal, não tendo podido participar as dioceses de Angra do Heroísmo, Bragança e Guarda.

Além da leitura dos relatórios, que apresentam o panorama actual do trabalho destas Comissões, foram partilhadas ideias, sugestões e experiências, que interessaram e enriqueceram sobremaneira todos os participantes.

D. Angel Sancho Campo, Director do Secretariado Nacional da Comissão Episcopal Espanhola para o Património Cultural, fez uma eloquente e esclarecedora intervenção sobre a experiência da sua Comissão no que se refere aos inventários e à conservação das obras de arte da Igreja no seu País. Além de apresentar o inventário como o primeiro passo concreto para a protecção do património, falou da sua obrigatoriedade e urgência, e pôs em relevo o grande papel desempenhado no seu País pela Comissão Mista Igreja-Estado.

Teve ainda oportunidade de salientar a função evangelizadora e catequética da Arte Sacra, quando devidamente aproveitada, e, a propósito, descreveu com brilho e entusiasmo as exposições feitas ultimamente em Espanha sob o lema de "As Idades do Homem", a mais recente das quais está presentemente aberta ao público na Catedral de Leon. Qualquer destas exposições recebeu números expressivos de visitantes, chegando algumas a atingir o milhão e meio de visitas!

Sobre a segurança das obras artísticas de carácter religioso, dois membros da Polícia Judiciária do Porto, expressamente convidados, testemunharam as suas experiências, que são muito ricas e oportunas. Para exemplificar, basta referir que de uma só vez foram recuperados

por esta polícia 103 objectos de arte religiosa! E, também, que dos objectos artísticos da Igreja roubados no nosso País, somente são recuperados 7%! De resto, é este o nível europeu.

Presidiu aos trabalhos o Senhor D. António Francisco Marques, Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, que na homilia da Missa e na sessão de encerramento teve ocasião de salientar o interesse do Episcopado por este sector da Pastoral e de incentivar os participantes a assumirem, cada vez mais generosamente, as graves responsabilidades do seu cargo.

Este Encontro valeu por si mesmo, pelas experiências que se partilharam, pelo enriquecimento que proporcionou e também pelas conclusões que foram discutidas e aprovadas.

Entre estas, as principais foram:

- Que as Comissões diocesanas que ainda não estão devidamente constituídas, o sejam quanto antes, para poderem prestar eficazmente o serviço de grande responsabilidade que lhes incumbe;
- Que este Encontro contribua para divulgar por todo o Povo de Deus a preocupação que as Comissões presentes sentem pela salvaguarda, conservação e promoção do Património Cultural da Igreja;
- Que se reconheça o carácter prioritário e urgente da inventariação, em qualquer das suas modalidades, tendo em conta a abertura das fronteiras dos Países do Mercado Comum já no próximo ano;
- Que todos quantos servem a Arte Sacra assumam o objectivo evangelizador e catequético que é indissociável das obras de arte cristã que, mesmo retiradas do culto, não são meros objectos artísticos.

## Jornada de reflexão e estudo sobre o Património Artístico da Igreja

No dia 9 de Dezembro, o Secretariado Diocesano de Liturgia do Porto realizou uma jornada de reflexão e estudo sobre o Património artístico da Igreja no Seminário Maior.

Os trabalhos foram presididos pelo Senhor Arcebispo-Bispo do Porto e tiveram a colaboração da Comissão Nacional de Arte Sacra, que

esteve representada por Mons. Aníbal Ramos, Arq. Luiz Cunha e José Bénard Guedes. A senhora Sra. D. Maria da Luz Pinto Mesquita Vasconcelos e Sousa, directora dos Museus da Câmara Municipal do Porto, também deu a sua preciosa colaboração sobre a conservação e inventariação das obras de arte sacra.

Mons. Aníbal Ramos apresentou, em síntese, as grandes linhas da problemática do Património da Igreja, que não abrange apenas os aspectos técnicos de conservação, segurança e inventariação, mas que se estende também à utilização do património como instrumento de evangelização e de catequese. E na esteira de D. Angel Sancho Campo, distinguiu a evangelização **sobre o** património da evangelização **a partir do** património, e acentuou as imensas possibilidades pedagógicas desta Pastoral.

O Arq. Luiz Cunha falou da Arte, em geral, e da Arquitectura em particular, ao longo deste século, desde o impressionismo à arquitectura moderna, concluindo pela afirmação de que nos encontramos presentemente num "tempo de charneira", em que da redução dos valores religiosos (laicismo) se passou a uma procura sistemática da tradição e das suas raízes religiosas. Há uma evidente "mudança de rumo", mesmo por parte das vanguardas das sociedades ocidentais.

José Bénard Guedes apresentou a sua longa e riquíssima experiência na inventariação e sobretudo no restauro da obra de arte religiosa. Foi um testemunho pessoal que interessou e alertou os 80 sacerdotes presentes para as responsabilidades que recaem sobre os seus ombros.

A Polícia Judiciária do Porto, principalmente através do Dr. Rui Fonseca, também deu um testemunho concreto sobre a sua actuação no domínio da segurança das obras de arte religiosa, dos perigos que estas correm, do roubos que sofrem frequentemente e até da dificuldade da recuperação dos objectos roubados. Das obras de arte sacra roubadas só 7% são recuperadas! É a média portuguesa e europeia.

No final da jornada o Secretariado Diocesano anunciou o seu projecto de acção a começar por um tipo de inventariação que, não sendo perfeito, lhe parecia mais viável nas actuais circunstâncias da Diocese.



## Encontros Diocesanos

AVEIRO — Destinou-se ao Coros litúrgicos paroquiais e tinha por objectivo a preparação do Natal.

O Cón. José Ferreira tratou o tema "O Tempo do Natal e a sua espiritualidade" com a eloquência e a vivacidade que lhe são próprias, e depois ensaiou alguns hinos e antífonas para o Advento e o Natal.

Participaram umas 130 pessoas que também aproveitaram a oportunidade para adquirir colectâneas de músicas deste Tempo, bem como Salmos Responsoriais e cassetes de música litúrgica.

BEJA — Além de três sacerdotes da Diocese, colaboraram, neste Encontro o Cón. José Ferreira e o Dr. José de Leão Cordeiro, do Secretariado Nacional.

A temática foi centrada na celebração do mistério do Natal, e os participantes aproximaram-se de uma centena de pessoas.

PORTO — Um encontro diocesano destinado aos acólitos, leitores e cantores dos grupos litúrgicos foi orientado pelo Dr. José de Leão Cordeiro, P. Manuel Amorim e Dr. João Peixoto, que desenvolveram temas relacionados com os ministérios ali representados.

Teve 450 participantes, que seguiram os trabalhos com grande atenção e interesse, e realizou-se na igreja da Cedofeita.

SANTARÉM — O Encontro diocesano contou com a presença activa de umas 70 pessoas e teve como orientadores o Cón. José Ferreira, o Dr. José de Leão Cordeiro e o Dr. Luís Ribeiro de Oliveira, que desenvolveram os temas principais relacionados com o Missal.

## Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria

*A coincidência da celebração da solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria com o segundo domingo do Advento, este ano, põe problemas pastorais e litúrgicos que importa esclarecer devidamente.*

*Apresentamos primeiro o esclarecimento dado pelo P. Dr. José de Leão Cordeiro e depois transcrevemos a tradução da resposta oficial da Congregação do Culto Divino e da Disciplina dos Sacramentos ao pedido formulado pela Conferência Episcopal Portuguesa.*

Segundo o Calendário Romano celebra-se, todos os anos, no dia 8 de Dezembro, a solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria.

Mas as "Normas universais do ano litúrgico e do calendário" determinam que os domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa são privilegiados, devendo as solenidades que neles ocorrem ser transferidas para a segunda-feira seguinte. A obrigatoriedade de transferência é recente. Antes de Abril de 1990, tais solenidades eram antecipadas para o sábado. A nova norma iria ter aplicação no próximo dia 8 de Dezembro. Do facto se fez eco o Directório Litúrgico de 1991.

Nem sempre é fácil conciliar as normas litúrgicas com os ritos do calendário civil de cada país nem com as festividades em datas fixas a que o povo está habituado. Um dos casos mais conhecidos é o que se refere à transferência da solenidade da Ascensão da respectiva quinta-feira para o domingo seguinte, o que foi uma pena, pois poderia ter-se mantido esse dia feriado, em vez de algum outro que não tem a tradição popular nem a importância litúrgica desse mistério da vida do Senhor.

Foram dificuldades desta ordem que levaram os Bispos, responsáveis pela liturgia em Portugal, a solicitar autorização, tal como já o tinham feito em circunstância idêntica anterior, para continuarmos a

celebrar a Imaculada Conceição no dia que vem indicado no Calendário, e com os textos próprios da solenidade, uma vez que esse dia é, em Portugal, feriado e dia santo de guarda muito caro à maioria do nosso povo. E fizeram-no apesar do que se diz no próprio texto da última alteração: "Para o futuro esta norma será observada por todos".

A solução foi oportuna e deixou intacto o princípio enunciado pelo Concílio Vaticano II de que, na Liturgia, se deve dar a preferência, salvo em situações muito excepcionais, à celebração do domingo (cf. Const. Litúrgica, 106-107).

*Ao pedido do Senhor D. António Francisco Marques, Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, feito em nome do Episcopado Português, a Congregação do Culto Divino respondeu do seguinte modo:*

"Esta Congregação recebeu a carta de 18 de Novembro que expunha o desejo manifestado por essa Conferência Episcopal de poder celebrar a solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria no dia 8 de Dezembro de 1991, embora coincida com o segundo domingo do Advento, que é um domingo privilegiado, como está estabelecido no nº 5 das *"Normarum universalium de anno liturgico et de Calendario"*, que devem ser lidas de acordo com variações publicadas em *Notitiae* 26 (1990) 160-161.

Tendo em conta que, em Portugal, esta solenidade é dia de preceito, a Congregação julga oportuno satisfazer o pedido, dispensando das normas litúrgicas que, em semelhante ocorrência, impõem que se transfira a solenidade para a segunda-feira seguinte, dia 9 Dezembro.

Contudo, para que os fiéis não percam o sentido do segundo domingo do Advento, consideramos oportuno determinar que a segunda leitura da Missa seja o texto dos Filipenses 1,4-6.8-11 (do segundo domingo do Advento); que se faça menção do tema do Advento na homilia e na oração dos fiéis, e que esta se conclua com a oração colecta do segundo domingo do Advento".

# Índice Geral do Boletim de Pastoral Litúrgica desde o nº 1 (1976) até ao nº 60 (1990)

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Acto Penitencial (0)	Luís Ribeiro	5	20
Acto Penitencial (Valorizar 0)	Leão Cordeiro	1	12
Acto Penitencial (Valorizar 0)	Luciano Guerra	2	23
Acto Penitencial (Valorizar 0)	Luciano Guerra	3	22
Advento (O Tempo do)	Leão Cordeiro	60	101
Angola (Celebração dominical em)	Fernando Cima	10	30
Ano Litúrgico e Calendário (Alterações)	Leão Cordeiro	59	86
Apresentação	D. João Alves	1	1
Apresentação	Direcção	2	1
Apresentação	Direcção	3	1
Apresentação	Direcção	4	1
Apresentação	Direcção	6	1
Apresentação	Direcção	7-8	1
Apresentação	Direcção	9	1
Apresentação	Direcção	10	1
Apresentação	Direcção	11-12	1
Apresentação	Direcção	13	1
Apresentação	Direcção	14-16	1
Apresentação	Direcção	17	1
Apresentação	Direcção	18-19	1
Apresentação	Direcção	20-21	1
Apresentação	Direcção	22-24	1
Apresentação	Direcção	25	1
Apresentação	Direcção	26	1
Apresentação	Direcção	27	1
Apresentação	Direcção	28	1
Apresentação	Direcção	29-31	1
Apresentação	Direcção	32	1

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Apresentação	Direcção	33-36	1
Apresentação	Direcção	37-40	1
Apresentação	D. Albino Cleto	41	1
Apresentação	Direcção	42	1
Apresentação	Direcção	43	1
Apresentação	Direcção	44	1
Apresentação	Direcção	45	1
Apresentação	Direcção	46	33
Apresentação	Direcção	47	65
Apresentação	Direcção	48	97
Apresentação	Direcção	49	1
Apresentação	Direcção	50	33
Apresentação	Direcção	51	65
Apresentação	Direcção	52	97
Apresentação	Direcção	53	1
Apresentação	Direcção	54	33
Apresentação	Direcção	55	65
Apresentação	Direcção	56	97
Apresentação	Direcção	57	1
Apresentação	Direcção	58	33
Apresentação	Direcção	59	65
Apresentação	Direcção	60	97
Apresentação	Direcção	61	1
Apresentação	Direcção	62	33
Apresentação	Direcção	63	75
Arte Religiosa Contemporânea	Luís Cunha	25	18
Arte Sacra (Comissão Nacional de)	Direcção	54	61
Arte Sacra (Comissão Pontifícia)	Direcção	56	121
Arte Sacra (Federação da Região Sul)	José A. Falcão	53	31
Arte Sacra (I Encontro Dioc. do Sul)	José A. Falcão	52	121
Arte Sacra (Museus da Igreja)	Direcção	57	28
Arte Sacra (Museus da Igreja)	Direcção	58	56
Arte Sacra (Património da Igreja)	Direcção	56	124
Arte Sacra (Património da Igreja)	Direcção	58	62
Arte Sacra (Restauro de pint. e imag.)	J. Bénard Guedes	58	43
Arte Sacra (Reunião Com. do Sul)	Direcção	56	127
Arte Sacra actual (O Templo e a ) (I)	José A. Falcão	43	127
Arte Sacra actual (O Templo e a ) (II)	José A. Falcão	44	13

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Arte Sacra e património cultural	Direcção	56	125
Arte Sacra e sacerdotes	A. M.	41	30
Arte Sacra em Portugal (Problemas da)	D. Albino Cleto	25	13
Aspersão e incensação	Notitiae	51	94
Assembleia litúrgica (Canto na)	F. dos Santos	33-36	108
Assembleias dominicais (Animadores das)	Direcção	6	27
Assembleias dominicais sem padre	Direcção	42	30
Bênçãos (Livro das)	Direcção	59	95
Bênçãos ontem e hoje (As)	Pierre Jounel	46	51
Bibliografia	Direcção	25	25
Bibliografia	Direcção	41	26
Bispos (Cerimonial dos)	Direcção	45	27
Boletim Pastoral Litúrgica (Um)	Luís Ribeiro	1	4
Brasil (Animação da Vida litúrgica no)	Direcção	55	77
Brasil (Const. sobre a Liturgia)	Direcção	46	59
Brasil (Cursos de Liturgia no)	Direcção	42	21
Brasil (Encontro de liturgia no)	Direcção	47	87
Caminho de Peregrinação português - 1	José A. Falcão	46	53
Caminho de Peregrinação português - 2	José A. Falcão	47	82
Caminho de Peregrinação português - 3	José A. Falcão	48	115
Caminho de Peregrinação português - 4	José A. Falcão	49	20
Caminho de Peregrinação português - 5	José A. Falcão	50	58
Canto Litúrgico (Nota pastoral)	CEL	41	17
Casel (Dom Odo)	B. Newnheuser	44	17
Catecismo a partir da Liturgia	Direcção	55	94
Catecumenado e Ritual da In. Cristã	Fernando Cima	17	13
Cânticos litúrgicos (Crit. de escolha)	Manuel Luís	4	25
Celebração da Eucaristia (ENL 3)	Direcção	7-8	89
Celebração e vida Cristã	Frei Bernardo	52	106
Celebração lit. e dim. transc. do homem	D. José Policarpo	3	11
Celebração litúrgica (ENL 2)	Direcção	3	31
Celebração litúrgica e participação	José Ferreira	3	19
Celebração litúrgica na vida da Igreja	Luís Ribeiro	3	14
Celebração profana e litúrgica	J. Carlos	3	8
Celebrações dominicais (Directório)	Cong. C. Divino	51	74
Celebrações litúrgicas (Beleza e dign)	Pedro Ferreira	57	13
Centro Nacional de Pastoral Litúrgica	Direcção	58	57
Colectas da Quaresma (Dim. penitencial)	Luís Ribeiro	4	3

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Colectas do Advento (Reflexões sobre as)	Pedrosa Ribeiro	3	3
Colectas do Tempo Pascal (Ress. nas)	Luís Ribeiro	5	1
Comis. Episc. Lit. País. Líng. Portuguesa	Direcção	41	14
Comis. Episc. Lit. País. Líng. Portuguesa	Direcção	48	122
Comis. Episc. Lit. País. Líng. Portuguesa	Direcção	49	25
Comis. Episc. Lit. País. Líng. Portuguesa	Direcção	50	61
Comis. Episc. Lit. País. Líng. Portuguesa	Direcção	59	89
Comissão Episcopal Liturgia	J. G.	49	22
Concertos nas Igrejas	Direcção	45	26
Concertos nas Igrejas	Cong. C. Divino	49	13
Congreg. Culto Div. e Disc. Sacramentos	Direcção	51	93
Congreg. Culto Div. e Disc. Sacramentos	Direcção	55	87
Constituição Litúrgica (Afirm. fundam.)	Balthasar Fischer	56	107
Coros Litúrgicos (I Encontro de)	Direcção	6	31
Coros paroquiais de Braga (Encontro)	Direcção	6	30
Correio dos Leitores	Direcção	9	35
Correio dos Leitores	Direcção	10	34
Correio dos Leitores	Direcção	14-16	81
Correio dos Leitores	Direcção	17	28
Correio dos Leitores	Direcção	27	29
Correio dos Leitores	Direcção	33-36	129
Correio dos Leitores	Direcção	41	24
Correio dos Leitores	Direcção	42	32
Culto e festa na perspect. cristã	Frei Bernardo	53	23
Culto Eucarístico fora da Missa (Nota)	CEL	9	25
Cúria Romana (Reforma da)	Cong. C. Divino	52	118
Dedicação da Igreja e do Altar (I)	José Ferreira	58	35
Dedicação da Igreja e do Altar (II)	José Ferreira	59	67
Dedicação da Igreja e do Altar (Pontif.)	Direcção	59	94
Domingo e sua celebração	Confer. Episcopal	10	36
Domingo: o dia do Senhor	Luís Ribeiro	10	10
Domingos e Festas	Direcção	45	25
Enchiridion doc. inst. liturgicae	Direcção	2	39
Encontro Europeu de Liturgia	Direcção	2	36
Encontro Europeu de Liturgia	Direcção	9	31
Encontro Europeu de Liturgia	Direcção	17	26
Encontro Europeu de Liturgia	Direcção	26	19
Encontro Europeu de Liturgia	Direcção	43	14

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Encontro Europeu de Liturgia	Direcção	46	63
Encontro Europeu de Liturgia	Direcção	48	123
Encontro Europeu de Liturgia	Direcção	60	125
Encontro Nacional - 2	Direcção	2	35
Encontro Nacional - 3	Direcção	6	24
Encontro Nacional - 4	Direcção	9	32
Encontro Nacional - 5	Direcção	14-16	76
Encontro Nacional - 6	Direcção	17	31
Encontro Nacional - 7	Direcção	20	41
Encontro Nacional - 8	Direcção	25	32
Encontro Nacional - 8	Direcção	26	29
Encontro Nacional - 9	Direcção	28	34
Encontro Nacional - 9	Direcção	29-31	116
Encontro Nacional - 10	Direcção	33-36	131
Encontro Nacional - 11	Direcção	41	23
Encontro Nacional - 12	Direcção	42	18
Encontro Nacional - 13	Direcção	44	27
Encontro Nacional - 13	Direcção	46	57
Encontro Nacional - 14	Direcção	48	122
Encontro Nacional - 14	Direcção	49	25
Encontro Nacional - 15	Direcção	53	29
Encontro Nacional - 16	Direcção	57	30
Encontro Nacional - 16	Direcção	58	54
Encontro Nacional - 17	Direcção	61	27
Encontros diocesanos	Direcção	9	34
Encontros diocesanos	Direcção	11-12	88
Encontros diocesanos	Direcção	14-16	77
Encontros diocesanos	Direcção	26	25
Encontros diocesanos	Direcção	28	34
Encontros diocesanos	Direcção	42	28
Encontros diocesanos	Direcção	43	18
Encontros diocesanos	Direcção	44	28
Encontros diocesanos	José Águas	45	32
Encontros diocesanos	Direcção	46	62
Encontros diocesanos	Direcção	49	27
Encontros diocesanos	Direcção	52	126
Encontros diocesanos	Direcção	53	32
Encontros diocesanos	Direcção	54	62



Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Equipa litúrgica (A)	Luís Ribeiro	28	18
Espaço Litúrgico (Celebração e)	Leão Cordeiro	62	35
Espaço Litúrgico (Construção do)	Erich Corsepilus	62	49
Espaço Litúrgico (Encontro sobre	Direcção	60	115
Espaço Litúrgico (Encontro sobre)	Direcção	61	28
Espaço Litúrgico (ENL 15)	Direcção	55	91
Espanholas (Jornadas de Liturgia)	Direcção	44	25
Espanholas (Jornadas de Liturgia)	Direcção	49	23
Espanhóis (Livros litúrgicos)	Direcção	46	60
Estatuto da linguagem religiosa (0)	Frei Bernardo	55	67
Eucaristia (Probl. past. iniciação à)	Luís Ribeiro	7-8	20
Eucaristia hoje	Roberto Coffy	26	11
Fé e celebração	D. João Alves	7-8	83
Festas (Elementos para celebr. das)	José Ferreira	6	12
Festas Pascais (Prep. e celebração)	Direcção	49	29
Festas populares e evangelização	Equipa sacerdotal	6	18
Festas Religiosas — Festas do povo?	Luís Ribeiro	6	3
Fórmulas Sacramentais em Língua Port.	Direcção	56	99
Galiza (Concílio Pastoral da)	Direcção	5	28
Igreja Orante (Uma)	José Ferreira	2	3
Iniciação Cristã	D. M. el Trindade	20-21	33
Iniciação Cristã (Canto cel. sacram.)	Manuel Luís	20-21	17
Iniciação Cristã (Símbolos da)	Direcção	26	16
Iniciação Cristã Adultos (ENL 6)	Direcção	18	57
Iniciação Cristã Adultos (Necessidade)	Gomes Dias	18	3
Iniciação Cristã Adultos (Ritual)	CEL	17	8
Iniciação Cristã Adultos (Ritual)	Leão Cordeiro	18	22
Iniciação Cristã Adultos no Ritual	Pedro Ferreira	18	40
Iniciação Cristã na Tradição da Igreja	José Ferreira	20	3
Instrução Geral do Missal Romano (I)	Pedro Romano	9	17
Instrução Geral do Missal Romano (II)	Pedro Romano	10	3
Instrum. music. na celebr. eucarística	Ferreira dos Santos	9	3
João Paulo II em Vila Viçosa	Direcção	26	31
José da Costa O. Falcão (Cónego)	Direcção	48	124
Leigos na Liturgia (Os)	Direcção	42	15
Leigos na Liturgia (Os)	Direcção	44	21
Leigos na Liturgia (Papel dos)	Pierre-Marie Gy	43	3
Liturgia (Antes Conc. Vaticano II)	José Ferreira	32	3

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Liturgia (Carta Apost. no XXV an. SC)	João Paulo II	54	35
Liturgia (Constituição sobre a)	Manuel Gaspar	32	10
Liturgia (Jovens e)	Direcção	45	26
Liturgia (Paulo VI e a)	Aníbal Ramos	10	27
Liturgia (Renovação interna da)	Sínodo dos Bispos	41	13
Liturgia e catequese mais universal	D. Júlio Rebimbas	37-40	3
Liturgia Bracarense	Leão Cordeiro	45	11
Liturgia das Horas	Luís Ribeiro	2	8
Liturgia das Horas	Direcção	3	32
Liturgia das Horas	Direcção	6	27
Liturgia das Horas	Direcção	28	35
Liturgia das Horas (2ª edição típica)	Direcção	44	26
Liturgia das Horas (2ª edição típica)	Direcção	46	63
Liturgia das Horas (Apres. da Inst. Geral)	Leão Cordeiro	22-24	41
Liturgia das Horas (Autores dos hinos)	Sebastião Faria	13	26
Liturgia das Horas (Canto na)	Ferreira dos Santos	22-24	134
Liturgia das Horas (Distrib. Salmos)	Leão Cordeiro	27	15
Liturgia das Horas (ENL 7)	Direcção	22-24	154
Liturgia das Horas (Espiritualidade)	Pedro Ferreira	22-24	105
Liturgia das Horas (Estrutura e celebr.)	José Ferreira	22-24	80
Liturgia das Horas (Nota pastoral)	CEL	13	3
Liturgia das Horas (Ofício Divino)	D. M. el Trindade	22-24	150
Liturgia das Horas (Ofícios já musicados)	Leão Cordeiro	62	59
Liturgia das Horas (Suplemento da)	Direcção	58	51
Liturgia e Catequese (Relação dinâmica)	Direcção	43	32
Liturgia e Concílio	Bernard Botte	49	32
Liturgia e devoções (I)	Jean Evenou	46	35
Liturgia e Devoções (II)	Jean Evenou	47	67
Liturgia e meios de com. social	Direcção	45	26
Liturgia e pastoral da fé	Direcção	43	30
Liturgia e pastoral da fé (ENL 11)	Direcção	41	23
Liturgia e Vida	Direcção	52	128
Liturgia no contexto da pastoral (I)	Luís Ribeiro	41	4
Liturgia no contexto da pastoral (II)	Luís Ribeiro	42	3
Livros em preparação no Secretariado	Direcção	42	25
Livros litúrgicos (Modif. edig. Decreto)	Congr. C. Divino	32	24
Livros litúrgicos (Modif. edig. Decreto)	Congr. C. Divino	32	25
Manuel Luís (Evocação do Padre)	Ferreira dos Santos	22-24	148

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Maria modelo da Igreja em oração	Pedro Ferreira	53	11
Maria na cateq. litúrg. de S. Agostinho	Leão Cordeiro	50	52
Maria na Liturgia (Presença de)	Leão Cordeiro	49	3
Memória obrigatória (Nova)	Direcção	55	93
Memória obrigatória (Nova)	Direcção	57	30
Ministério da Música na liturgia	Manuel Luís	11-12	57
Ministério da Presidência litúrgica	Ghislain Pinckers	63	88
Ministério litúrgico do leitor (0)	Leão Cordeiro	11-12	45
Ministérios da música litúrgica	Ferreira dos Santos	11-12	29
Ministérios dos leigos na liturgia	Direcção	45	20
Ministérios na celebração (ENL 4)	Direcção	11-12	86
Ministérios na Igreja (0s)	Madureira Dias	11-12	3
Ministério na liturgia (Os)	José Ferreira	11-12	69
Ministérios não ordenados na Igreja	Pierre Jounel	27	6
Ministro Extraordinário da Comunhão	Direcção	54	64
Missa (Celebração e estrutura)	Leão Cordeiro	7-8	31
Missa (Comunhão)	Luís Ribeiro	7-8	67
Missa (Liturgia eucarística)	José Ferreira	7-8	47
Missa (Livros litúrgicos para a)	Direcção	1	28
Missa (Oração Eucarística da)	José Ferreira	7-8	53
Missa (Oração universal)	Luís Ribeiro	7-8	40
Missa (Ordenamento das Leituras da)	OLM	28	3
Missa (Ordenamento das Leituras da)	OLM	57	3
Missa (Ordenamento das Leituras da)	Direcção	63	114
Missa ontem e hoje (A)	Direcção	45	30
Missa ontem e hoje (A)	Direcção	51	95
Missa ou Ceia do Senhor (A)	José Ferreira	7-8	3
Missa tridentina	Direcção	25	21
Missal (À Descoberta do)	Direcção	63	113
Missal (ENL 17)	Direcção	63	105
Missal de Mateus	Direcção	2	38
Missal Romano	Direcção	49	28
Missale Romano (Fontes do)	Direcção	44	11
Missa Romanum (2ª edição)	Direcção	1	31
Mistério da Páscoa (0)	António Taipa	29-31	7
Mistério Pascal (Das cinzas ao Espírito)	José Ferreira	61	3
Mistério Pascal (ENL 8)	Direcção	27	31
Mistério Pascal (Eucar. evoc. e cel.)	Sebastião Faria	14-16	3

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Mistério Pascal (Reflectir e viver o)	D. Júlio Rebimbas	27	3
Mistério Pascal (Reflectir e viver o)	D. Júlio Rebimbas	29-31	3
Moçambique (Pastoral Litúrgica em)	Direcção	46	60
Música (Assunção da Virgem Maria)	Manuel Luís	9	22
Música (Hino ao Espírito Santo)	Manuel Luís	20-21	36
Música (Hino da Liturgia das Horas)	Manuel Luís	13	30
Música (Missa e Ofício de defuntos)	Manuel Luís	10	23
Música (Salmo Resp. e Sequência)	JS / MF	5	25
Música (Salmo Responsorial)	Manuel Luís	1	19
Música (Salmo Responsorial)	ML / JM	2	30
Música (Salmo Responsorial)	ML / FS / MF	3	28
Música (Salmo Responsorial)	ML / MS / MF	4	17
Música (Vésperas)	Manuel Faria	2	16
Música litúrgica (Boletim de)	Direcção	6	31
Música litúrgica (Cantoral litúrgico)	Direcção	59	96
Música litúrgica (Curso de)	Direcção	62	71
Música litúrgica (Curso de)	Direcção	63	110
Música litúrgica (Grupos corais)	Direcção	58	59
Música Sacra	Direcção	60	128
Música Sacra (Comissões diocesanas)	Direcção	42	13
Música Sacra (Nova Revista de)	Direcção	6	29
Música Sacra (Reunião de responsáveis)	Direcção	43	22
Música Sacra (Serviço Nacional de)	Direcção	57	26
Musicais (Diversidade de formas)	Manuel Luís	7-8	73
Natal (Árvore de)	Direcção	44	30
Natal (Celebração do Mistério do)	Direcção	61	28
Natal (Celebração Litúrgica do)	José Ferreira	52	99
Natal (ENL 16)	Direcção	59	92
Natal (Hinos do)	Bartolomeu Quental	48	127
Natal e Páscoa	D. Manuel Madureira	60	99
Natal na praça	José Ferreira	60	110
Nossa Senhora (Col. das Missas de)	Fernando Silva	50	35
Nossa Senhora (Col. das Missas de)	Fernando Silva	51	67
Oração (Introdução à)	Manuel Morujão	22-24	3
Oração da Igreja através dos tempos	Luís Ribeiro	22-24	17
Oração dos Salmos (A)	Geraldo C. Dias	22-24	61
Oração Eucarística	Direcção	45	25
Oração Eucarística (ENL 5)	Direcção	14-16	76

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Oração Eucarística (Missal e)	D. Manuel Trindade	17	3
Oração Eucarística, proclamação da fé	Pedro Ferreira	14-16	51
Orações Eucarísticas (Novas)	Direcção	9	34
Ordenações (As)	José Ferreira	63	77
Ordenações (Ritual das)	Direcção	58	52
Padroeiros da Europa (Novos)	Direcção	20-21	37
Pascal (Espiritualidade)	José Ferreira	5	7
Património (Serviços diocesanos do)	José A. Falcão	42	9
Património da Igreja	Formozinho Sanchez	25	16
Páscoa (Celebração ao longo dos tempos)	Luís Ribeiro	29-31	19
Páscoa (Celebração e Mistério)	José Ferreira	4	9
Páscoa (Celebração e Mistério)	José Ferreira	53	3
Páscoa (Data da celebração da)	Direcção	1	32
Páscoa (Data da celebração da)	Pedro Romano	5	13
Páscoa (Festa de)	Luís Ribeiro	26	3
Páscoa, uma nova criação	José Ferreira	1	6
Penitência (Celebração da)	Direcção	1	23
Piedade Popular	Direcção	55	84
Piedade Popular (Formas de)	Pedro Ferreira	52	112
Piedade Popular (Liturgia e)	Direcção	58	50
Piedade Popular na Europa	Direcção	51	91
Preparação dos dons	Leão Cordeiro	25	3
Professores de Liturgia (Encontro de)	Direcção	47	86
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	7-8	95
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	14-16	82
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	17	29
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	18-19	59
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	20-21	43
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	26	27
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	28	36
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	29-31	118
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	44	32
Publicações litúrgicas do Secretariado	Direcção	48	121
Quaresma (Cânt. e mús. lit. no tempo da)	Agostinho Pedroso	37-40	105
Quaresma (Dimensão baptismal da)	José Ferreira	37-40	55
Quaresma (Dimensão penitencial da)	Leão Cordeiro	37-40	33
Quaresma (ENL 10)	Direcção	37-40	119
Quaresma (Leccionário do Tempo da)	Pedro Ferreira	37-40	87

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Quaresma (Pastoral e espiritualidade da)	Madureira Dias	37-40	73
Quaresma, preparação para a Páscoa	Luís Ribeiro	37-40	6
Reconciliação (Dimensão eclesial da)	Alberto Vieira	45	3
Reconciliação em comunidade (Cel. a )	Leão Cordeiro	4	19
Reforma da Liturgia e Lit. de amanhã	Leão Cordeiro	44	3
Reforma litúrgica	D. Júlio Rebimbas	33-36	3
Reforma litúrgica (Livros litúrgicos)	Direcção	41	10
Reforma litúrgica (Língua portuguesa e)	Aníbal Ramos	54	54
Reforma litúrgica (Paulo VI e)	Direcção	6	25
Reforma litúrgica (Que falta fazer da)	Aníbal Ramos	32	17
Reforma litúrgica 25 anos depois	Direcção	51	89
Religiosidade Popular (ENL 13)	Direcção	48	118
Religiosidade popular em Portugal	Direcção	48	99
Religiosidade popular nos doc. magist.	Direcção	47	94
Renovação litúrgica (Futuro da)	João Paulo II	55	95
Renovação litúrgica (Presente e futuro)	Leão Cordeiro	61	9
Sacramentos (Livro dos)	Direcção	58	50
Salmos (Anatoli Shcharansky e os)	Direcção	41	29
Salmos na Liturgia (Os)	Pedro Ferreira	47	73
Salmos na Liturgia das Horas (Os)	Pedro Ferreira	48	104
Saltério (Texto litúrgico do)	Direcção	13	20
Secretariado Nacional de Liturgia	Direcção	1	30
Secretariado Nacional de Liturgia	Direcção	46	61
Secretariado Nacional de Liturgia	Direcção	60	126
Secretariados diocesanos (Reun. com os)	Direcção	50	60
Semana Santa	Direcção	45	25
Símbolos e sinais (Através dos)	Baltazar Fischer	25	10
Societas Litúrgica (Congresso da)	Direcção	25	23
Templo e Liturgia (Mistério do)	João Lourenço	59	78
Templo e Liturgia (Mistério do)	João Lourenço	60	116
Tempo Pascal (ENL 9)	Direcção	33-36	126
Tempo Pascal (Igreja e)	Leão Cordeiro	33-36	65
Tempo Pascal (Leccionário do)	Luís Ribeiro	33-36	28
Tempo Pascal (Virgem Maria no)	Luciano Guerra	33-36	89
Tempo Pascal na tradição da Igreja (O)	José Ferreira	33-36	9
Tempo Pascal nas orações do Mis. e LH	Pedro Ferreira	33-36	44
Textos litúrgicos traduzidos	Direcção	1	30
Tríduo Pascal (Dois primeiros dias do)	Leão Cordeiro	29-31	43

Título dos Artigos	Autor	Nº	Pág.
Tríduo Pascal (Liturgia das Horas no)	Pedro Ferreira	29-31	86
Tríduo Pascal (Música lit. nas celeb.)	Manuel Amorim	29-31	102
Vésperas Dominicais (As)	Pedro Ferreira	61	18
Vigília Pascal (A)	José Ferreira	29-31	66
Virgílio Noé (Mons.)	Direcção	26	23

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Agostinho Pedroso	Quaresma (Cânt. e mús. lit. no Tempo da)	37-40	105
Alberto Vieira	Reconciliação (Dimensão eclesial da)	45	3
P. Albino Cleto	Arte sacra em Portugal (Problemas da)	25	13
D. Albino Cleto	Apresentação (41)	41	1
D. Albino Cleto	Arte sacra e sacerdotes	41	30
Direcção	Apresentação	2	1
Direcção	Apresentação	3	1
Direcção	Apresentação	4	1
Direcção	Apresentação	6	1
Direcção	Apresentação	7-8	1
Direcção	Apresentação	9	1
Direcção	Apresentação	10	1
Direcção	Apresentação	11-12	1
Direcção	Apresentação	13	1
Direcção	Apresentação	14-16	1
Direcção	Apresentação	17	1
Direcção	Apresentação	18-19	1
Direcção	Apresentação	20-21	1
Direcção	Apresentação	22-24	1
Direcção	Apresentação	25	1
Direcção	Apresentação	26	1
Direcção	Apresentação	27	1
Direcção	Apresentação	28	1
Direcção	Apresentação	29-31	1
Direcção	Apresentação	32	1
Direcção	Apresentação	33-36	1
Direcção	Apresentação	37-40	1
Direcção	Apresentação	42	1
Direcção	Apresentação	43	1
Direcção	Apresentação	44	1
Direcção	Apresentação	45	1
Direcção	Apresentação	46	33
Direcção	Apresentação	47	65
Direcção	Apresentação	48	97
Direcção	Apresentação	49	1
Direcção	Apresentação	50	33
Direcção	Apresentação	51	65
Direcção	Apresentação	52	97



Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Direcção	Apresentação	53	1
Direcção	Apresentação	54	33
Direcção	Apresentação	55	65
Direcção	Apresentação	56	97
Direcção	Apresentação	57	1
Direcção	Apresentação	58	33
Direcção	Apresentação	59	65
Direcção	Apresentação	60	97
Direcção	Apresentação	61	1
Direcção	Apresentação	62	33
Direcção	Apresentação	63	75
Direcção	Arte sacra (Comissão Nacional de)	54	61
Direcção	Arte sacra (Comissão Pontifícia)	56	121
Direcção	Arte sacra (Museus da Igreja)	57	28
Direcção	Arte sacra (Museus da Igreja)	58	56
Direcção	Arte sacra (Património da Igreja)	56	124
Direcção	Arte sacra (Património da Igreja)	58	62
Direcção	Arte sacra (Reunião Com. do Sul)	56	127
Direcção	Arte sacra e património cultural	56	125
Direcção	Assemb. dominicais (Animadores das)	6	27
Direcção	Assembleias dominicais sem padre	42	30
Direcção	Bênçãos (Livro das)	59	95
Direcção	Bibliografia	25	25
Direcção	Bibliografia	41	26
Direcção	Bispos (Cerimónia dos)	45	27
Direcção	Brasil (Animação da vida litúrgica no)	55	77
Direcção	Brasil (Const. sobre a Liturgia)	46	59
Direcção	Brasil (Cursos de Liturgia no)	42	21
Direcção	Brasil (Encontro de Liturgia no)	47	87
Direcção	Catecismo a partir da Liturgia	55	94
Direcção	Celebração da Eucaristia (ENL 3)	7-8	89
Direcção	Celebração litúrgica (ENL 2)	3	31
Direcção	Centro Nacional de Pastoral Litúrgica	58	57
Direcção	Comis. Episc. Lit. País. Líg. Portuguesa	41	14
Direcção	Comis. Episc. Lit. País. Líg. Portuguesa	48	122
Direcção	Comis. Episc. Lit. País. Líg. Portuguesa	49	25
Direcção	Comis. Episc. Lit. País. Líg. Portuguesa	50	61
Direcção	Comis. Episc. Lit. País. Líg. Portuguesa	59	89

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Direcção	Concertos nas igrejas	45	26
Direcção	Cong. Culto Divino e Disc. Sacramentos	51	73
Direcção	Congr. Culto Divino e Disc. Sacramentos	55	87
Direcção	Coros litúrgicos (I Encontro de)	6	31
Direcção	Coros paroquiais de Braga (Encontro)	6	30
Direcção	Correio dos leitores	9	35
Direcção	Correio dos leitores	10	34
Direcção	Correio dos leitores	14-16	81
Direcção	Correio dos leitores	17	28
Direcção	Correio dos leitores	27	29
Direcção	Correio dos leitores	33-36	129
Direcção	Correio dos leitores	41	24
Direcção	Correio dos leitores	42	32
Direcção	Dedicação da Igreja e do Altar (Pontif.)	59	94
Direcção	Domingos e Festas	45	25
Direcção	Enchiridion doc. inst. liturgicae	2	39
Direcção	Encontro Europeu de Liturgia	2	36
Direcção	Encontro Europeu de Liturgia	9	31
Direcção	Encontro Europeu de Liturgia	17	26
Direcção	Encontro Europeu de Liturgia	26	19
Direcção	Encontro Europeu de Liturgia	43	14
Direcção	Encontro Europeu de Liturgia	46	63
Direcção	Encontro Europeu de Liturgia	48	123
Direcção	Encontro Europeu de Liturgia	60	125
Direcção	Encontro Nacional - 2	2	35
Direcção	Encontro Nacional - 3	6	24
Direcção	Encontro Nacional - 4	9	32
Direcção	Encontro Nacional - 5	14-16	76
Direcção	Encontro Nacional - 6	17	31
Direcção	Encontro Nacional - 7	20-21	41
Direcção	Encontro Nacional - 8	25	32
Direcção	Encontro Nacional - 8	26	29
Direcção	Encontro Nacional - 9	28	34
Direcção	Encontro Nacional - 9	29-31	116
Direcção	Encontro Nacional - 10	33-36	131
Direcção	Encontro Nacional - 11	41	23
Direcção	Encontro Nacional - 12	42	18
Direcção	Encontro Nacional - 13	44	27

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Direcção	Encontro Nacional - 13	46	57
Direcção	Encontro Nacional - 14	48	122
Direcção	Encontro Nacional - 14	49	25
Direcção	Encontro Nacional - 15	53	29
Direcção	Encontro Nacional - 16	57	30
Direcção	Encontro Nacional - 16	58	54
Direcção	Encontro Nacional - 17	61	27
Direcção	Encontros Diocesanos	9	34
Direcção	Encontros Diocesanos	11-12	88
Direcção	Encontros Diocesanos	14-16	77
Direcção	Encontros Diocesanos	26	25
Direcção	Encontros Diocesanos	28	34
Direcção	Encontros Diocesanos	42	28
Direcção	Encontros Diocesanos	43	18
Direcção	Encontros Diocesanos	44	28
Direcção	Encontros Diocesanos	46	62
Direcção	Encontros Diocesanos	49	27
Direcção	Encontros Diocesanos	52	126
Direcção	Encontros Diocesanos	53	32
Direcção	Encontros Diocesanos	54	62
Direcção	Espaço Litúrgico (Encontro sobre)	60	115
Direcção	Espaço Litúrgico (Encontro sobre)	61	28
Direcção	Espaço Litúrgico (ENL 15)	55	91
Direcção	Espanholas (Jornadas de Liturgia)	44	25
Direcção	Espanholas (Jornadas de Liturgia)	49	23
Direcção	Espanhóis (Livros Litúrgicos)	46	60
Direcção	Festas Pascais (Prep. e celebração)	49	29
Direcção	Fórmulas sacramentais em Língua Port.	56	99
Direcção	Galiza (Concílio Pastoral da)	5	28
Direcção	Iniciação Cristã	26	16
Direcção	Iniciação Cristã Adultos (ENL 6)	18-19	57
Direcção	João Paulo II em Vila Viçosa	26	31
Direcção	José da Costa O. Falcão (Cónego)	48	124
Direcção	Leigos na Literatura (Os)	42	15
Direcção	Leigos na Literatura (Os)	44	21
Direcção	Liturgia (Jovens e)	45	26
Direcção	Liturgia das Horas	3	32
Direcção	Liturgia das Horas	6	27

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Direcção	Liturgia das Horas	28	35
Direcção	Liturgia das Horas (2ª edição típica)	44	26
Direcção	Liturgia das Horas (2ª edição típica)	46	63
Direcção	Liturgia das Horas (ENL 7)	22-24	154
Direcção	Liturgia das Horas (Suplemento da)	58	51
Direcção	Liturgia e Catequese (Relação Dinâmica)	43	32
Direcção	Liturgia e meios de com. social	45	26
Direcção	Liturgia e pastoral da fé	43	30
Direcção	Liturgia e pastoral da fé (ENL 11)	41	23
Direcção	Liturgia e vida	52	128
Direcção	Livros em preparação no Secretariado	42	25
Direcção	Memória obrigatória (Nova)	55	93
Direcção	Memória obrigatória (Nova)	57	30
Direcção	Ministério dos leigos na Liturgia	45	20
Direcção	Ministério na Celebração (ENL 4)	11-12	86
Direcção	Ministro Extraordinário da Comunhão	54	64
Direcção	Missa (Livros litúrgicos para a)	1	28
Direcção	Missa (Ordenamento das leituras da)	63	114
Direcção	Missa ontem e hoje (A)	45	30
Direcção	Missa ontem e hoje (A)	51	95
Direcção	Missa tridentina	25	21
Direcção	Missal (Á descoberta do)	63	113
Direcção	Missal (ENL 17)	63	105
Direcção	Missal de Mateus	02	38
Direcção	Missal Romano	49	28
Direcção	Missal Romano (Fontes do)	44	11
Direcção	Missale Romanum (2ª edição)	1	31
Direcção	Mistério Pascal (ENL 8)	27	31
Direcção	Moçambique (Pastoral Litúrgica em)	46	60
Direcção	Música Litúrgica (Boletim de)	6	31
Direcção	Música Litúrgica (Cantoral litúrgico)	59	96
Direcção	Música Litúrgica (Curso de)	62	71
Direcção	Música Litúrgica (Curso de)	63	110
Direcção	Música Litúrgica (Grupos Corais)	58	59
Direcção	Música sacra	60	128
Direcção	Música sacra (Comissões diocesanas)	42	13
Direcção	Música sacra (Nova Revista de)	6	29
Direcção	Música sacra (Reunião de responsáveis)	43	22

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Direcção	Música sacra (Serviço Nacional de)	57	26
Direcção	Natal (Árvore de)	44	30
Direcção	Natal (Celebração do Mistério do)	61	28
Direcção	Natal (ENL 16)	59	92
Direcção	Oração Eucarística	45	25
Direcção	Oração Eucarística (ENL 5)	14-16	76
Direcção	Orações Eucarísticas (Novas)	9	34
Direcção	Ordenações (Ritual das)	58	52
Direcção	Padroeiros da Europa (Novos)	20-21	37
Direcção	Páscoa (Data da celebração da)	1	32
Direcção	Penitência (Celebração da)	1	23
Direcção	Piedade popular	55	84
Direcção	Piedade popular (Liturgia e)	58	50
Direcção	Piedade popular na Europa	51	91
Direcção	Professores de Liturgia (Encontro de)	47	86
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	7	95
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	7	95
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	14-16	82
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	17	29
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	18-19	59
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	20-21	43
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	26	27
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	28	36
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	29-31	118
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	44	32
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	48	121
Direcção	Publicações litúrgicas do Secretariado	48	121
Direcção	Quaresma (ENL 10)	37-40	119
Direcção	Reforma litúrgica (Livros Litúrgicos)	41	10
Direcção	Reforma litúrgica (Paulo VI e)	6	25
Direcção	Reforma litúrgica 25 anos depois	51	89
Direcção	Religiosidade popular (ENL 13)	48	118
Direcção	Religiosidade popular em Portugal	48	99
Direcção	Religiosidade popular nos doc. magist.	47	94
Direcção	sacramentos (Livro dos)	58	50
Direcção	Salmos (Anatoli Shcharansky e os)	41	29
Direcção	Saltério (Texto litúrgico do)	13	20
Direcção	Secretariado Nacional de Liturgia	1	30

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Direcção	Secretariado Nacional de Liturgia	46	61
Direcção	Secretariado Nacional de Liturgia	60	126
Direcção	Secret.dos Dioces.s (Reunião com os)	50	60
Direcção	Semana Santa	45	25
Direcção	Societas Litúrgica (Congresso da)	25	23
Direcção	Tempo Pascal (ENL 9)	33-36	126
Direcção	Textos litúrgicos traduzidos	1	30
Direcção	Virgílio Noé (Mons.)	26	23
Aníbal Ramos	Liturgia (Paulo VI e a)	10	27
Aníbal Ramos	Reforma Litúrgica (Língua Portuguesa e)	54	54
Aníbal Ramos	Reforma litúrgica (Que falta fazer da)	32	17
António Taipa	Mistério da Páscoa(0)	29-31	7
B. Newnheuser	Casel (Dom Odo)	44	17
Baltasar Fisher	Símbolos e sinais (Através dos)	25	10
Baltasar Fisher	Constituição Litúrgica (Afirm. fundam.)	56	107
Bartolomeu Quental	Natal (Hinos do)	48	127
Bernard Botte	Liturgia e Concílio	49	32
CEL	Canto Litúrgico (Nota Pastoral)	41	17
CEL	Culto Eucarístico fora da Missa (Nota)	9	25
CEL	Iniciação Cristã Adultos (Ritual)	17	8
CEL	Liturgia das Horas (Nota Pastoral)	13	3
Conf. Episcopal	Domingo e a sua celebração	10	36
Cong. C. Divino	Celebrações dominicais (Directório)	51	74
Cong. C. Divino	Concertos nas igrejas	49	13
Cong. C. Divino	Cúria Romana (Reforma da)	52	118
Cong. C. Divino	Livros Litúrgicos (Modif. edição. — Decreto)	32	24
Cong. C. Divino	Livros Litúrgicos (Modif. edição. — Decreto)	32	25
D. João Alves	Apresentação (1)	1	1
D. João Alves	Fé e celebração	7-8	83
D. José Policarpo	Celebração lit. e dim. transc. do homem	3	11
D. Júlio Rebimbas	Liturgia a catequese mais universal	37-40	3
D. Júlio Rebimbas	Mistério Pascal (Reflectir e viver o)	27	3
D. Júlio Rebimbas	Mistério Pascal (Reflectir e viver o)	29-31	3
D. Júlio Rebimbas	Reforma Litúrgica	33-36	3
D. M. Madureira	Natal e Páscoa	60	99
D. Manuel Trindade	Iniciação Cristã	20-21	33
D. Manuel Trindade	Liturgia das Horas (Ofício Divino)	22-24	150
D. Manuel Trindade	Oração Eucarística (Missa e)	17	3

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Equipa sacerdotal	Festas populares e evangelização	6	18
Erich Corsepius	Espaço litúrgico (Construção do)	62	49
Fernando Cima	Angola (Celebração dominical em)	10	30
Fernando Cima	Catecumenado e Ritual da In. Cristã	17	13
Fernando Silva	Nª Senhora (Colectânea das Missas de)	50	35
Fernando Silva	Nª Senhora (Colectânea das Missas de)	51	67
Ferreira dos Santos	Assembleia litúrgica (Canto na)	33-36	100
Ferreira dos Santos	Instrum. music. na celebr. eucarística	9	3
Ferreira dos Santos	Liturgia das Horas (Canto na)	22-24	134
Ferreira dos Santos	Manuel Luís (Evocação do Padre)	22-24	148
Ferreira dos Santos	Ministérios da música litúrgica	11-12	29
Formos. Sanchez	Património da Igreja	25	16
Frei Bernardo	Celebração e vida cristã	52	106
Frei Bernardo	Culto e festa na perspect. cristã	53	23
Frei Bernardo	Estatuto da linguagem religiosa (0)	55	67
Geraldo C. Dias	Oração dos Salmos (A)	22-24	61
Ghislain Pinckers	Ministério da Presidência Litúrgica	63	88
Gomes Dias	Iniciação Cristã Adultos (Necessidade)	18-19	3
J. Carlos	Celebração profana e litúrgica	3	8
J. G.	Comissão Episcopal Litúrgica	49	22
Jean Evenou	Liturgia e Devoções(I)	46	35
Jean Evenou	Liturgia e Devoções(II)	47	67
João Lourenço	Tempo e liturgia (Mistério do)	59	78
João Lourenço	Tempo e liturgia (Mistério do)	60	116
João Paulo II	Liturgia (Carta Apost. no XXV an. SC)	54	35
João Paulo II	Renovação Litúrgica (Futuro da)	55	95
José A. Falcão	Arte sacra (Federação da Região Sul)	53	31
José A. Falcão	Arte sacra (I Encontro Dioc. do Sul)	52	121
José A. Falcão	Arte sacra Actual (O Templo e a) (I)	43	27
José A. Falcão	Arte sacra Actual (O Templo e a) (II)	44	13
José A. Falcão	Caminho de peregrinação Português - 1	46	53
José A. Falcão	Caminho de peregrinação Português - 2	47	82
José A. Falcão	Caminho de peregrinação Português - 3	48	115
José A. Falcão	Caminho de peregrinação Português - 4	49	20
José A. Falcão	Caminho de peregrinação Português - 5	50	58
José A. Falcão	Património (Serviços diocesanos do)	42	9
José Águas	Encontros Diocesanos	45	32
J. Bernard Guedes	Arte sacra (Restauro de pint. e imag.)	58	43



Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
José Ferreira	Celebração litúrgica e participação	3	19
José Ferreira	Dedicação da Igreja e do Altar (I)	58	35
José Ferreira	Dedicação da Igreja e do Altar (II)	59	67
José Ferreira	Festas (Elementos para celebraç. das)	6	12
José Ferreira	Igreja Orante (Uma)	2	3
José Ferreira	Iniciação Cristã na Tradição da Igreja	20-21	3
José Ferreira	Liturgia (Antes Conc. Vaticano II)	32	3
José Ferreira	Liturgia das Horas (Estrutura e celebr.)	22-24	80
José Ferreira	Ministérios na Liturgia (Os)	11-12	69
José Ferreira	Missa (Liturgia eucarística)	7-8	47
José Ferreira	Missa (Oração eucarística da)	7-8	53
José Ferreira	Missa ou Ceia do Senhor (A)	7-8	3
José Ferreira	Mistério Pascal (Das Cinzas ao Espírito)	61	3
José Ferreira	Natal (Celebração litúrgica do)	52	99
José Ferreira	Natal na Praça	60	110
José Ferreira	Ordenações (As)	63	77
José Ferreira	Pascal (Espiritualidade)	5	7
José Ferreira	Páscoa (Celebração e Mistério)	4	9
José Ferreira	Páscoa (Celebração e Mistério)	53	3
José Ferreira	Páscoa, uma nova criação	1	6
José Ferreira	Quaresma (Dimensão baptismal da)	37-40	55
José Ferreira	Tempo Pascal na tradição da Igreja (O)	33-36	9
José Ferreira	Vigília Pascal (A)	29-31	66
JS/MF	Música (Salmo Resp. e Sequência)	05	25
Leão Cordeiro	Acto Penitencial (Valorizar o)	1	12
Leão Cordeiro	Advendo (O Tempo do)	60	101
Leão Cordeiro	Ano Litúrgico e Calendário (Alterações)	59	86
Leão Cordeiro	Espaço Litúrgico (Celebração e)	62	35
Leão Cordeiro	Iniciação Cristã Adultos (Ritual)	18-19	22
Leão Cordeiro	Liturgia Bracarense	45	11
Leão Cordeiro	Liturgia das Horas (Apres. da Inst. Geral)	22-24	41
Leão Cordeiro	Liturgia das Horas (Distrib. Salmos)	27	15
Leão Cordeiro	Liturgia das Horas (Ofícios já musicados)	62	59
Leão Cordeiro	Maria na cateq. litúrg. de S. Agostinho	50	52
Leão Cordeiro	Maria na Liturgia (Presença de)	49	3
Leão Cordeiro	Ministério Litúrgico do leitor (O)	11-12	45
Leão Cordeiro	Missa (Celebração e estrutura)	7-8	31
Leão Cordeiro	Preparação dos dons	25	3

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Leão Cordeiro	Quaresma(Dimensão penitencial da)	37-40	33
Leão Cordeiro	Reconcil. em comunidade (Celebrar a)	4	19
Leão Cordeiro	Reforma da Liturgia e Lit. de amanhã	44	3
Leão Cordeiro	Reforma litúrgica (Presente e futuro)	61	9
Leão Cordeiro	Tempo Pascal (Igreja e )	33-36	65
Leão Cordeiro	Tríduo Pascal (Dois primeiros dias do)	29-31	43
Luciano Guerra	Acto penitencial (Valorizar o)	2	23
Luciano Guerra	Acto penitencial (Valorizar o)	3	22
Luciano Guerra	Tempo Pascal (Virgem Maria no)	33-36	89
Luís Cunha	Arte religiosa contemporânea	25	18
Luís Ribeiro	Acto penitencial (0)	5	20
Luís Ribeiro	Boletim Pastoral Litúrgica (Um)	1	4
Luís Ribeiro	Celebração Litúrgica na vida da Igreja	3	14
Luís Ribeiro	Colectas da Quaresma (Dim. penitencial)	4	3
Luís Ribeiro	Colectas do tempo Pascal (Ressur. nas)	5	1
Luís Ribeiro	Domingo dia do Senhor	10	10
Luís Ribeiro	Equipa litúrgica (A)	28	18
Luís Ribeiro	Eucaristia (Probl. past. iniciação à)	7-8	20
Luís Ribeiro	Festas religiosas — Festas do povo?	6	3
Luís Ribeiro	Liturgia das Horas	2	8
Luís Ribeiro	Liturgia no contexto da pastoral (I)	41	4
Luís Ribeiro	Liturgia no contexto da pastoral (II)	42	3
Luís Ribeiro	Missa (Comunhão)	7-8	67
Luís Ribeiro	Missa (Oração universal)	7-8	40
Luís Ribeiro	Oração da Igreja através dos tempos	22-24	17
Luís Ribeiro	Páscoa (Celebração ao longo dos tempos)	29-31	19
Luís Ribeiro	Páscoa (Festa da)	26	3
Luís Ribeiro	Quaresma, preparação para a Páscoa	37-40	6
Luís Ribeiro	Tempo Pascal (Leccionário do)	33-36	28
Madureira Dias	Ministérios na Igreja (Os)	11	3
Madureira Dias	Quaresma (Pastoral e espiritualidade da)	37-40	73
Manuel Amorim	Tríduo Pascal (Música lit. nas celeb.)	29-31	102
Manuel Faria	Música (Vésperas)	2	16
Manuel Gaspar	Liturgia (Constituição sobre a)	32	10
Manuel Luís	Cânticos litúrgicos (Crit. de escolha)	4	25
Manuel Luís	Iniciação Cristã (Canto cel. sacram.)	20-21	17
Manuel Luís	Ministério da música na liturgia	11-12	57
Manuel Luís	Música (Assunção da Virgem Maria)	9	22

Autor	Título dos Artigos	Nº	Pág.
Manuel Luís	Música (Hino ao Espírito Santo)	20-21	36
Manuel Luís	Música (Hino da Liturgia das Horas)	13	30
Manuel Luís	Música (Missa e Ofício de defuntos)	10	23
Manuel Luís	Música (Salmo Responsorial)	1	19
Manuel Luís	Musicais (Diversidade de formas)	7-8	73
Manuel Luís	Oração (introdução à)	22-24	3
ML/FS/MF	Música (Salmo Responsorial)	3	28
ML/JM	Música (Salmo Responsorial)	2	30
ML/MS/MF	Música (Salmo Responsorial)	4	17
Notitiae	Aspersão e incensação	51	94
OLM	Missa (Ordenamento das leituras da)	28	3
OLM	Missa (Ordenamento das leituras da)	57	3
Pedro Ferreira	Celebrações Litúrgicas (Beleza e dign)	57	13
Pedro Ferreira	Iniciação Cristã Adultos no Ritual	18-19	40
Pedro Ferreira	Liturgia das Horas (Espiritualidade)	22-24	105
Pedro Ferreira	Maria modelo da Igreja em oração	53	11
Pedro Ferreira	Oração Eucarística, proclamação da fé	14-16	51
Pedro Ferreira	Piedade popular (Formas de)	52	112
Pedro Ferreira	Quaresma (Leccionário do Tempo da)	37-40	87
Pedro Ferreira	Salmos na Liturgia (Os)	47-40	73
Pedro Ferreira	Salmos na Liturgia das Horas (Os)	48	104
Pedro Ferreira	Tempo Pascal nas orações do Mis. e LH33-36		44
Pedro Ferreira	Tríduo Pascal (Liturgia das Horas no)	29-31	86
Pedro Ferreira	Vésperas dominicais (As)	61	18
Pedro Romano	Instrução Geral do Missal Romano (I)	9	17
Pedro Romano	Instrução Geral do Missal Romano (II)	10	3
Pedro Romano	Páscoa (Data da celebração da)	5	13
Pedrosa Ribeiro	Colectas do Advento (Reflexão sobre as)	3	3
Pierre Jounel	Bênçãos ontem e hoje (As)	46	51
Pierre Jounel	Ministérios não ordenados na Igreja	27	6
Pierre-Marie Gy	Leigos na liturgia (Papel dos)	43	3
Roberto Coffy	Eucaristia hoje	26	11
Sebastião Faria	Liturgia das Horas (Autores dos hinos)	13	26
Sebastião Faria	Mistério Pascal (Eucar. evoc. e cel.)	14-16	3
Sínodo dos Bispos	Liturgia (Renovação interna da)	41	13